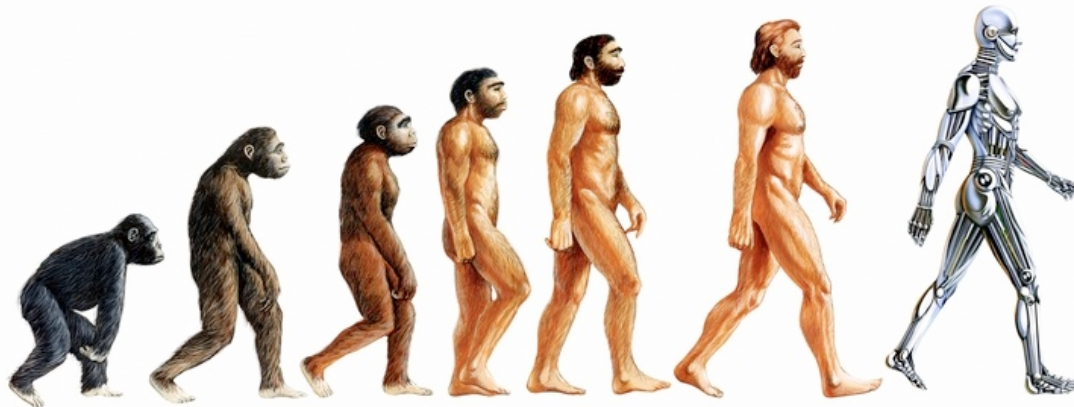


## **Admirável Mundo Novo - o transhumanismo em questão**

*Será possível um dia (logo? já?) influenciar a escolha deste ou daquele traço de temperamento ou personalidade das crianças, de eliminar as doenças genéticas nos embriões, retardando a velhice e a morte, e construindo uma nova espécie de humanos, um prolongamento excessivo dos anos vividos?*



*Por Vera Brandão*

**D**o dossiê publicado na revista *L'Express*<sup>1</sup>, sobre a perspectiva do prolongamento da vida humana transformada pela tecnologia trazemos, em tradução livre, a entrevista do filósofo Luc Ferry<sup>2</sup> que nos alerta sobre os progressos e os perigos desta (ainda) remota possibilidade.

Este é o assunto do seu livro, recém-lançado, *A Revolução transhumanista. Como a tecnomedicina e a uberização do mundo vão transformar nossas vidas*<sup>3</sup>. Segundo o site da editora o objetivo do livro é “compreender e tomar consciencia da exata natureza das revoluções econômicas, científicas e médicas em curso, mas também das transformações éticas, espirituais e metafísicas das quais as novas tecnologias são portadoras”. Nele o autor apresenta sua obra afirmando:

*Não acreditem que se trata de ficção científica: no dia 18 de abril de 2015 uma equipe de geneticistas chineses se propôs a ‘melhorar’ o genoma de oitenta e tres embriões humanos. Até onde iremos? Será possível um dia (logo? já?) influenciar a escolha deste ou daquele traço de*

<sup>1</sup> *L'Express* - revista semanal de 6 a 12 de abril 2016 (edição impressa). Disponível em: [http://www.lexpress.fr/actualite/sciences/transhumanisme-qui-sont-les-neoprophetes\\_1779584.html](http://www.lexpress.fr/actualite/sciences/transhumanisme-qui-sont-les-neoprophetes_1779584.html)

<sup>2</sup> Luc Ferry nasceu na França em 1951, é professor de filosofia e escritor, com mais de 15 livros publicados, e foi Ministro da Educação (2002-2004).

<sup>3</sup> Do original *La Révolution transhumaniste. Comment la tecnomédecine e l'uberisation du monde vont bouleverser nos vies*. Paris: Plon, 2016. <http://www.plon.fr/ouvrage/la-revolution-transhumaniste/9782259249157>

*temperamento ou personalidade das crianças, de eliminar as doenças genéticas nos embriões, retardando a velhice e a morte, e construindo uma nova espécie de humanos, um prolongamento excessivo dos anos vividos?*

*Não chegamos ainda neste ponto, mas inúmeros centros de pesquisa transhumanistas, em todo o mundo, trabalham com generoso financiamento dos gigantes da Web, como Google. Os progressos das tecnociências são de rapidez inimagináveis, e escapam, ainda, de todas as regulamentações. Simultaneamente, essa "infraestrutura do mundo", que é a Web, permitiu a aparição de uma economia dita "colaborativa", simbolizada pelos aplicativos como Uber, Airbnb ou BlaBlaCar.*

*Segundo Jeremy Rifkin, esse movimento anuncia o fim do capitalismo em benefício de um mundo de liberdade e preocupação com os outros. Não seria, ao contrário, o caminho para um hiperliberalismo, corrompido e sem valores, para o qual nos dirigimos? Certas perspectivas abertas pelas inovações tecno científicas são entusiasmantes, outras amedrontam. Este livro procura inicialmente compreender e reabilitar o ideal filosófico do equilíbrio, noção vital, tanto na medicina como na economia.*



Na reportagem que precede a entrevista, escrita por Claire Chartier, o transhumanismo é apresentado como um movimento que pretende aumentar infinitamente as possibilidades físicas do ser humano, e que se afirma graças aos progressos da genética e da inteligência artificial. Dois artigos, a serem traduzidos em breve, completam o dossiê: *As revoluções que transformam o humano e Imortais, até onde ?*

O termo transhumanismo apareceu em 1957, apresentado pelo geneticista Julian Sorell Huxley, irmão de Aldous Huxley autor do livro *Admirável Mundo Novo* (1932), que tanto influenciou gerações, no qual se anunciava um 'novo' mundo. A sinopse do lançamento (edição de 2015) esclarece o tema que se aproxima, ao nosso ver, da atual discussão:

Uma sociedade inteiramente organizada segundo princípios científicos, na qual a mera menção das antiquadas palavras 'pai' e 'mãe' produzem repugnância. Um mundo de pessoas programadas em laboratório, e adestradas para cumprir seu papel numa sociedade de castas biologicamente definidas já no nascimento. Um mundo no qual a literatura, a música e o cinema só têm a função de solidificar o espírito de conformismo. Um universo que louva o avanço da técnica, a linha de montagem, a produção em série, a uniformidade, e que

idolatra Henry Ford. Essa é a visão desenvolvida no clarividente romance distópico de Aldous Huxley, que ao lado de 1984, de George Orwell, constituem os exemplos mais marcantes, na esfera literária, da tematização de estados autoritários. Se o livro de Orwell criticava acidamente os governos totalitários de esquerda e de direita, o terror do stalinismo e a barbárie do nazifascismo, em Huxley o objeto é a sociedade capitalista, industrial e tecnológica, em que a racionalidade se tornou a nova religião, em que a ciência é o novo ídolo, um mundo no qual a experiência do sujeito não parece mais fazer nenhum sentido, e no qual a obra de Shakespeare adquire tons revolucionários. Entretanto, o moderno clássico de Huxley não é um mero exercício de futurismo ou de ficção científica. Trata-se, o que é mais grave, de um olhar agudo acerca das potencialidades autoritárias do próprio mundo em que vivemos. Como um alerta de que, ao não se preservarem os valores da civilização humanista, o que nos aguarda não é o róseo paraíso iluminista da liberdade, mas os grilhões de um admirável mundo novo<sup>4</sup>.

Premonição sobre o futuro ? Coincidência com o que vivemos hoje ? Ou um momento de deslumbramento proporcionado pelas novas descobertas científicas e tecnológicas da época?

Nessa obra já surgiam as ideias, utópicas à época, que anuanciavam esse mundo transhumanista com avanços que ganharam destaque após investimento da WEB e a ‘explosão’ das descobertas, trinta anos mais tarde, das NBIC – nanotecnologias, biotecnologias, informática e ciências cognitivas.

Os ideólogos do transhumanismo encontraram nos avanços fabulosos da terceira revolução industrial a confirmação de suas profecias: a tecnologia poderia libertar o ser humano das perdas naturais – a velhice e a doença. Até onde e – por que não – nos aproximar da eternidade?

Os progressos das ciências e tecnologias trazem, sem dúvida, melhoras na qualidade da vida cada vez mais longa – pensamos nas descobertas nas áreas médicas e farmacêuticas; na tecnologia que torna as cidades mais seguras, o transporte mais rápido, entre outros benefícios na infraestrutura, que beneficiam a todos. Tecnologias que facilitam a vida cotidiana e abrem espaço para comunicação imediata, colocando-nos em contato com grupos próximos ou distantes, franqueando ‘as portas do mundo’ somente com um ‘click’.

No Brasil, em sua dimensão geográfica, diversidade cultural, fortes desigualdades no acesso aos serviços básicos de infraestrutura, saúde e

<sup>4</sup> [http://www.livrariacultura.com.br/p/admiravel-mundo-novo-42269423?id\\_link=13574&qclid=CjwKEAjw1lq6BRDY\\_tK-9OjdmBESJABlzoY7PISzP5\\_qBtAalsJJ-LRBR2EmXhRprYrH5vjZXFwG2RoCD5Pw\\_wcB](http://www.livrariacultura.com.br/p/admiravel-mundo-novo-42269423?id_link=13574&qclid=CjwKEAjw1lq6BRDY_tK-9OjdmBESJABlzoY7PISzP5_qBtAalsJJ-LRBR2EmXhRprYrH5vjZXFwG2RoCD5Pw_wcB)

educação, essa discussão parece pairar ‘acima’ da nossa realidade, assim como de muitos outros países, nos quais impera também a guerra, a fome e a morte prematura. No entanto, essas descobertas e avanços tecnológicos já impactam nossa realidade, sendo mais evidentes nos estados mais desenvolvidos do nosso país.

Gradualmente, tornaram-se realidade para uma parte da população que tem acesso a serviços de melhor qualidade e esperamos que, em futuro breve, os benefícios trazidos pelos progressos das ciências sejam uma realidade para toda a população sem distinção étnica ou social. Assim, não podemos excluir o tema do transhumanismo das discussões que guiam nossas reflexões sobre o processo de viver, envelhecer, longeviver no Brasil.

Por meio destas considerações e das palavras de Luc Ferry colocamos à reflexão o tema, ainda pouco divulgado entre nós, mas de extrema importância, incentivando um debate aberto sobre as muitas possibilidades que aponta, mas também de seus perigos, com risco de sermos exilados, sem perceber, de nossa humanidade.

### **Transhumanismo – o pior e o melhor** **Entrevista com Luc Ferry**



*Por Claire Chartier e  
Christophe Barbier*

**Depois de abordar os temas da vida bem sucedida, da espiritualidade e o amor, como se interessou por um assunto mais “científico” como o transhumanismo?**

**LF** – A primeira tarefa da filosofia consiste em pensar uma época. Ela deve ser, como dizia Hegel, “o pensamento preso ao tempo”. Vivemos uma terceira revolução industrial, que transforma o mundo, com dois desdobramentos principais: de um lado, o surgimento da tecnomedicina, e de outro, o da economia colaborativa, com os aplicativos como Uber, Aibnb, Bla-BlaCar, etc. Estava cansado das ideologias depressivas, e as

nostalgias políticas.

### **Quais são as principais características do transhumanismo?**

**LF** – Inicialmente, esse movimento busca passar da medicina terapêutica clássica – cuja finalidade, ao longo do tempo, era de tratar e aumentar o potencial humano – para, posteriormente, na ambição de “combater” o envelhecimento, e mesmo de conseguir aumentar a longevidade humana, não apenas erradicando as mortes precoces, como acontece desde meados do século XIX, mas recorrendo a tecnomedicina ou engenharia genética.

No momento, nada de real prova que isso é possível para o homem, mesmo que o seja para os ratos, mas Google já investiu centenas de milhões de dólares no projeto. Outra ideia importante: corrigir, de modo voluntário, a loteria genética, que distribui, injustamente, as qualidades naturais e as doenças. É a proposta de **“passar da chance cega à escolha esclarecida”**. Ainda estamos longe, mas quem pode dizer como será a biocirurgia em 2300? É preciso refletir!

### **Concretamente, como passamos do terapêutico ao prolongamento excessivo da vida humana?**

**LF** - Consideremos, por exemplo, as cegueiras decorrentes de uma retinopatia pigmentar: podemos devolver a visão inserindo um chip eletrônico atrás da retina e, neste sentido, estamos abordando a perspectiva terapêutica. Imagine agora que o chip se aperfeiçoou de tal modo que permita uma visão como da águia: neste caso passamos ao excesso. É um exemplo simbólico, mas não podemos duvidar que a competição assim nos encaminhará, queiramos ou não...

### **Os transhumanistas não formam uma família homogênea. Qual diferença o senhor faz entre os ‘biólogistas’ e os ‘pós-humanistas cibernéticos’, que cita em seu livro?**

**LF** - Os primeiros são fiéis ao humanismo tradicional, especialmente na linha de Condorcet<sup>5</sup>. Encontramos já no período iluminista a ideia de que a perfeição humana era infinita, destacando não apenas as desigualdades sociais, mas também as desigualdades naturais. Os segundos, representados por Ray Kurzweil<sup>6</sup>, fundador da Universidade da Singularidade criada graças ao financiamento do Google em 2008, são materialistas radicais, que planejam cruzar o ser humano com o computador, ou seja fabricar os poshumanos.



<sup>5</sup> Marie Jean Antoine Nicolas Caritat – Marquês de Condorcet (1743-1794) – matemático e filósofo cuja ideia da “perfectibilidade e de progresso do homem” influenciou, e continua influenciando, muitos pensadores.

<sup>6</sup> Ray Kurzweil, inventor e escritor norte-americano, nascido em 1948, considerado um dos maiores visionários do mundo da tecnologia, publicou em 2014 o livro *How to Create a Mind*, no qual avança em sua exploração sobre inteligências artificiais, elevando-a a novo patamar. Em *Transcendent Man* (2009) [http://www.imdb.com/title/tt1117394/?ref=rvi\\_tt](http://www.imdb.com/title/tt1117394/?ref=rvi_tt) trecho de documentário no qual expõe suas principais ideias (original em inglês).



O cruzamento da robótica e da inteligência artificial permitirá conectar nosso espírito com as redes da Web no futuro imaginado de 2035 ou 2040. Existe no transhumanismo o pior e o melhor – de projetos delirantes como este de Kurzweil, e de perspectivas fecundas. É muito fácil ridicularizar essa discussão, como fazem os que não conhecem o assunto. O risco, como na uberização do mundo, é de não prever e deixar passar inovações que vão transformar, como nunca, nossas vidas.

**O senhor destaca também que a argumentação dos poshumanistas não é fácil de ser descartada...**

**LF** – Sim, e é mais complexo do que pensamos. Para Kurzweil, não é a máquina que se tornará humana graças a inteligência artificial, mas o homem que é, desde de sempre, uma máquina. Para os materialistas coerentes, portanto monistas, o cérebro não é mais do que um mecanismo complicado e o pensamento é seu efeito visível. Vem daí a ideia de copiar pela tecnologia as redes neuronais para chegar um dia a uma inteligência artificial forte. Não chegamos lá ainda, mas você deve ter visto que a inteligência artificial já venceu o melhor jogador mundial de Go!<sup>7</sup>



**Alguns transhumanistas chegam a falar da ‘morte da morte’. Como podemos pensar seriamente uma tal transformação da condição humana?**

**LC** – *A Morte da morte*<sup>8</sup> é o título de um livro apaixonante de Laurent Alexandre, cirurgião francês, mas também um tema da teologia cristã – a

<sup>7</sup> O Go é um jogo de tabuleiro fascinante que nasceu na China há mais de 3000 anos. A sua origem permanece incerta e é rodeada por vários mitos. Das quatro grandes artes da China antiga – Go, poesia, música e caligrafia – o Go, apesar da sua aparente simplicidade, foi considerada a arte mais difícil de apreender, compreender e dominar. Foi introduzido há cerca de 1300 anos no Japão através de mestres budistas que visitaram a China e, ganhando popularidade junto da corte imperial, foi institucionalizado em quatro escolas, tornando-se num modo de vida para alguns sábios. Hoje, o Go ainda é jogado na sua forma original. Acessível em <http://www.go-portugal.org/index.php/o-que-e-o-go>

<sup>8</sup> *La mort da la mort. Comment la thecnomédecine va bouleverser l'humanité.* J.C. Lattès (2011) Conferência do autor - TEDxParis 2012 (no original francês) <https://www.youtube.com/watch?v=KGD-7M7iYzs>

promessa de Cristo é a imortalidade na vida após a morte. Para os transhumanistas essa promessa deve ser realizada neste mundo. Aos meus olhos isto é, obviamente, pura fantasia. Em primeiro lugar porque o organismo vivo é uma totalidade: uma vez que tocamos em um de seus componentes, podemos produzir um efeito perverso. Em seguida, porque continuaremos a morrer por acidente, atentado ou suicídio. No entanto, não é inimaginável que nós poderemos, um dia, viver duzentos ou trezentos anos.

### **Qual a origem dessa sua convicção?**

**LF** – Não é uma convicção, mas sim uma probabilidade. Em 1990, a esperança de vida dos franceses era de aproximadamente 45 anos. Hoje ela chega aos 80 anos. Este prolongamento se deve, essencialmente, a erradicação das mortes precoces.

Mas nada nos proíbe de pensar que podemos avançar, detectando a maior parte das doenças genéticas, podendo reparar um dia os gens ‘defeituosos’. As pesquisas sobre as células tronco e sobre hibridização homem-máquina progridem de forma extraordinária, e é a convergência dos vários componentes da tecnomedicina que faz pensar que progressos são possíveis nessa área. O problema é saber a que preço!

### **Mas é necessário desejarmos uma tal longevidade ?**

**LF** – Esta é a questão, e ela nos obriga a refletir sobre nossa condição humana. Se o ser humano pode se aperfeiçoar infinitamente, e se consegue envelhecer em boas condições, a perspectiva de uma vida mais longa é tentadora. Existem tantos livros para ler, de pessoas para amar... Contudo, não faltarão problemas demográficos e sociais.

As famílias estarão longe da igualdade, e essas diferenças de possibilidades tornarão a vida insuportável, pois se trata de viver ou morrer. Mais problemático ainda é que haveria humanidades diferentes: aquelas que aceitariam esse prolongamento e as outras.

### **O transhumanismo defende, sem preconceitos, também a eugenia. Por que devemos aceitar essa ‘classificação’ do ser humano em nome de um progresso hipotético futuro?**

**LF** - Quando nós falamos em ‘eugenismo’ pensamos imediatamente no nazismo. Para os transhumanistas provenientes, frequentemente, da esquerda libertária, é o contrário, pois se trata de corrigir desigualdades genéticas numa perspectiva fundamentalmente igualitária. Podemos não estar de acordo, mas deixemos de hipocrisia: o eugenismo ‘eliminador’, já é praticado entre nós: 97% das mulheres que descobrem, no exame de amniocentese, que estão grávidas de uma criança com síndrome de Down recorrem ao aborto.

### **Os transhumanistas têm consciência dos efeitos perversos de uma competição baseada na inovação permanente?**

**LF** – Acredito ser esta a principal questão. A maioria não percebe que sua lógica pode nos levar a ‘perda’ da humanidade. Como utilitaristas, eles imaginam que o prolongamento da vida humana trará, necessariamente, a felicidade, enquanto que dar mais liberdade ao indivíduo tem também, como consequência, provocar mais angústia, porque ele deve sempre se assegurar

de ter feito boas escolhas. Além disto, o ideal de autonomia que traz dinamismo às democracias, desde a Revolução Francesa, dificulta o enfrentamento. Nessa perspectiva é que o transhumanismo se aproximou da economia colaborativa, que visa também mais autonomia, ignorando intermediários para uma organização entre indivíduos.

**De progresso em progresso, como evitar uma corrida ‘louca’ em direção a esse ‘prolongamento’ do humano que se esboça?**

**LF** – Este é o ponto central de meu livro. A competição, sem dúvida, acontecerá inicialmente entre os diferentes grupos, e suas convicções, e depois nas famílias. E a questão da regulamentação será crucial, vital mesmo. Autorizar tudo será assustador, e proibir tudo não terá sentido, no momento em que não se trata de fabricar monstros, mas melhorar a humanidade como, por exemplo, aumentar a longevidade saudável. O dia em que pudermos eliminar dos embriões a mucoviscidose ou a doença de Huntington faremos isto, caso contrário nossos filhos nos repreenderão por não termos tomado tal atitude.

**Então, qual a regulamentação a adotar?**

**LF** – Somente uma regulamentação europeia, e mesmo mundial, pode ter sentido. A Comissão e o Parlamento europeus já estão cientes do problema apoiados em dois alentados relatórios dedicados ao transhumanismo. Mas, sem a conexão entre os Estados nacionais nada será possível. Na França será necessário uma reflexão sobre a inovação no centro da questão política. Neste momento os Gafa (Google, Apple, Facebook e Amazon) são americanos, e é sempre tardiamente que a Europa descobre os problemas inerentes à terceira revolução industrial. É para os fazer compreender e soar o sinal de alarme que escrevi este livro.

*Data de recebimento: 30/05/2016; Data de aceite: 30/05/2016.*

---

**Vera Brandão** - Pós doutora em Gerontologia Social PUC/SP. Mestre e Doutora em Ciências Sociais – Antropologia PUC/SP. Pedagoga USP. Pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento – NEPE - e do Núcleo Longevidade, Envelhecimento e Comunicação – LEC – do Programa de Estudos Pós Graduated em Gerontologia PUC/SP. Editora da Revista Portal de Divulgação do Portal do Envelhecimento. E-mail: [veratordinobrandao@hotmail.com](mailto:veratordinobrandao@hotmail.com). Site: <http://portaldoenvelhecimento.org.br>